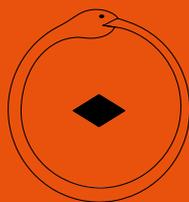
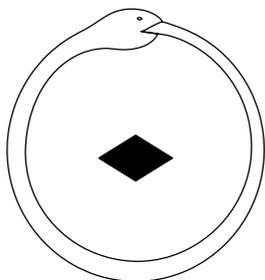


QUAL A PALAVRA QUE NUNCA  
FOI DITA, DIGA  
(sobre "Umbigo do Mundo" de Francy Baniwa)  
Tânia Stolze Lima



cadernos  
SELVAGEM



## QUAL A PALAVRA QUE NUNCA FOI DITA, DIGA

Tânia Stolze Lima

Sobre *Umbigo do Mundo*, de Francy Baniwa.

Originalmente defendido por Francy Fontes Baniwa como uma dissertação de mestrado em antropologia, que tive o prazer de examinar, e agora a honra de comentar em primeira mão, *Umbigo do Mundo: Mitologia, Ritual e Memória Baniwa* traz à antropologia uma variegada lição de amor. Amor como afirmação da vida, afirmação da luta, afirmação do sentido. Amor como sentido da luta e luta do sentido. Amor como alegria.

A melhor caracterização impressionista que conheço da família de mitologias cosmogônicas dos povos do noroeste amazônico, da qual faz parte a mitologia do clã *Waliperedakeenai* do povo Baniwa do Baixo e Médio rio Içana, foi feita pelo incomparável conhecedor dos mitos ameríndios, Lévi-Strauss, em um comentário sobre a impossibilidade de analisar a contento essas mitologias no âmbito de suas Mitológicas. Ressaltou que parecem pertencer a um outro gênero mitológico; que os primeiros registros conhecidos faziam pensar em textos esotéricos provenientes de uma tradição erudita; que “sua extrema complexidade, sua composição engenhosa e seu tom místico, pode-se atribuir a escolas de sábios e eruditos” (*Do mel às cinzas*, p. 253).

A primeira publicação de uma dessas obras mitológicas, *Leggenda dell' Jurupary*, remonta a 1890, com a publicação por Ermmano Stradelli da tradução para o italiano de uma versão em nheengatu transcrita por um indígena alto rionegrino, Maximiano José Roberto, Tariano por parte de mãe e sobrinho uterino do tuxaua de Iauareté. O texto de Maximiano foi objeto de disputas entre Stradelli e João Barbosa Rodrigues, outro pesquisador a quem as tradições narrativas dos povos aruaque e tucano

---

1. Me permitam tomar este verso da canção de Milton Nascimento e Caetano Veloso como o título deste texto.

oriental deixaram deslumbrado.<sup>2</sup> Com grande razão. Stradelli, que recusava enfaticamente a compreensão missionária de Jurupari como uma religião diabólica, e acreditava que a Lenda podia servir para desmistificar a visão que se tinha dos povos da região, contou que Maximiano prometera publicar o texto em nheengatu com uma tradução para o português, mas isso lamentavelmente não aconteceu, e o manuscrito fornecido a Stradelli também se perdeu. Por incrível que pareça, não faltou quem levantasse dúvidas sobre a autenticidade do texto publicado por Stradelli. Relutava-se em engolir que o grande valor literário da obra tivesse nascido da pena de um homem indígena.

Foi apenas em 1980 que uma segunda obra prima da mitologia alto rionegrina foi publicada pela Livraria Cultura Editora, desta vez com suas assinaturas, por dois homens Desana, o pai e seu filho primogênito, Umúsin Panlón Kumu e Tolamã Kenhíre. Esta obra, *Antes o mundo não existia*, veio a ser republicada em 1995 na importante Coleção Narradores Indígenas do Rio Negro, concebida e implementada pela FOIRN-Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, e que conta até o momento com nove volumes, todos, ou quase todos, envolvendo a co-autoria entre pai e filho e contando com a colaboração de parceria antropológica não indígena na preparação do texto para a publicação,<sup>3</sup> tendo sido reeditada pela Dantes em 2019.

Parte, portanto, desse admirável e interessante movimento rionegrino de diversificação de suas práticas narrativas com a produção autoral

---

2. N. do E.: O naturalista pioneiro João Barbosa Rodrigues deslumbrou-se pela inteligência e imaginação indígenas desde suas primeiras expedições pelo Vale do Amazonas na década de 1870, publicando a partir da década seguinte *Lendas, crenças e superstições* (Revista Brasileira, X, 1881, pp. 24-47), *Poranduba amazonense, ou Kochiymauara porandub*, 1872-1887 (Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinger & Filhos, 1890), dentre outros. Dele, a Dantes publicou uma edição de um trabalho seu de 1905, *Mbaé Kaá — o que tem na mata. A botânica nomenclatura indígena* (Rio de Janeiro: Dantes, 2018), que contou com a colaboração dos Mbya Guarani da aldeia Piyau, da Terra Indígena Jaraguá (SP).

3. Importantes estudos etnográficos sobre a produção desses livros foram realizados por Geraldo Andrello (“Falas, Objetos e Corpos: Autores Indígenas no Alto Rio Negro”. *RBCS* Vol. 25 n° 73, 2010), antropólogo que colaborou na edição dos textos de alguns desses volumes, e por S. Hugh-Jones (“Entre l’image et l’écrit. La politique Tukano de patrimonialisation en Amazonie”. *Cahiers des Amériques Latines*, 63-64, 2010).

de livros de mitologia na versão de seu próprio patriclã, esta belíssima edição do *Umbigo do Mundo* feita pela Dantes destaca-se, contudo, por dois aspectos originais. Primeiro, é uma obra comentada por uma antropóloga indígena. Segundo, a narração que o sábio Francisco Luiz Fontes Baniwa faz das tradições sagradas de seu clã (*Waliperedakeenai*) é dirigida a sua filha mulher. É como mulher que Francy escuta e entende, analisa e escreve, a narração de seu pai. Isso não é desimportante. O que transparece com maior evidência em sua recusa da atribuição imprópria, feita por brancos antropólogos, de “flautas sagradas” aos sistemas rituais de iniciação vinculados a essa mitologia. Traduzir palavras, insiste a autora, não é traduzir pensamento.

“Escrevo o que penso, em um processo que busca a construção de outra antropologia” (p. 29). Pelo teor das questões colocadas (as quais ela compartilha com colegas indígenas) e pela determinação de ser fiel a si mesma e estar à altura do legado mítico de Amaro às mulheres do mundo, Francy traz à mente intervenções importantes, poderosas também, de mulheres como Virginia Woolf e Donna Haraway. A elaboração da questão da objetividade científica no feminismo, com sua crítica às doutrinas da objetividade que ambicionam falar sobre todos a partir de lugar nenhum, e sua defesa do privilégio da perspectiva parcial, dos saberes situados e das visões corporificadas, fazem desta pensadora norte-americana, Haraway, uma aliada dessa antropologia *outra* escrita por uma mulher indígena. Parte dessa mesma linhagem era a urgência dos problemas enfrentados por Virginia Woolf, como dificuldades técnicas de toda ordem que se impunham (de dentro para fora) a uma mulher que escreve, tais como a invenção de uma estrutura de frase, de uma concepção do conjunto das articulações que sustentam a obra, de uma disposição para alterar a ordenação dos valores de um modo que fosse compatível com o seu próprio senso de importância. Porque, se o que Woolf pretendia era escrever romances que exprimissem a sua visão de mundo própria, era preciso enfrentar o fato de que as convenções literárias disponíveis eram criações de homens.

A abordagem oferecida neste livro é, como eu dizia acima, deliberadamente a de “uma mulher indígena e antropóloga”. Sou tentada a dizer que Francy não chegou à antropologia para ser treinada por nós

que herdamos esse gênero de conhecimentos de origem europeia, mas para nos ensinar. Com efeito, se uma coisa é a mitologia vista de fora e de longe, e se Francy busca elaborar uma antropologia “de dentro para fora”, então outra coisa é a antropologia indígena vista de fora e de longe. Não tenho a pretensão de dominar a arte das perspectivas — sabedoria que penso terem os povos indígenas —, mas entendo que o interessante dessa arte que permite à autora assumir seu posicionamento é que ela me posiciona também, me intimando a assumir o meu lugar de praticante de uma antropologia europeizada.

Me parece que a distância — positiva, não distância a superar — que a antropologia indígena procura criar e zelar entre ela mesma e a antropologia de origem europeia está aí para ser celebrada. Ainda que exista o risco de ser infectada pelo ressentimento, ela também é um terreno fértil para aventuras de pensamento com um potencial de intervenção sobre o conjunto da nossa disciplina. É a semente disso que se vê pulsar no estudo de Francy. Torço para que essa obra seja lida como um presságio de como a atitude de repúdio indígena ao problema da relação sujeito-objeto, de como a consciência indígena exige a descolonização dessa relação, talvez venha a nos ensinar que não havemos de prosseguir assim como se estivéssemos inelutavelmente condenados a garantir a continuidade e a prosperidade da relação apropriativa, colonialista, capitalística que impregna muitas de nossas práticas de conhecimento surgidas das tradições de origem europeia.

Até onde sou capaz de apreender a delicadeza e as sutilezas da solução encontrada por Francy para a construção de seu estudo antropológico da narrativa cosmogônica feita por seu pai, eu diria que ela encontrou uma forma de manter a análise em uma tal relação de continuidade ontológica com a narrativa dos mitos que se deveria dizer que a única descolonização verdadeira da oposição sujeito-objeto seria fazê-la cair por terra enquanto uma relação garantidora da reivindicação de transcendência do sujeito e de redução do objeto ao estado de matéria a ser conquistada, anexada pelo pensamento e laminada — desbastada, empobrecida — para propósitos ditos de conhecimento.

Deixo em aberto a dupla questão da presença e da necessidade de alguma presença do contraste sujeito-objeto nesta proposta de uma antropologia indígena feita por uma mulher, uma vez que realmente não

sei se minha inclinação para afirmar que ele, o contraste, atuaria segundo um regime de imanência e corresponderia a algo mais do que a um automatismo nosso fundado no raciocínio por exclusão. O que eu sei é que Francy abre uma trilha jamais percorrida por nenhum antropólogo que já li. Ela traça justamente um caminho inverso. Não o que vai dos contextos histórico, ecológico e etnográfico até o seio da mitologia. Mas o que vai do interior ao exterior. “Compreender... os mitos é o mesmo que entender o mundo” (p. 9-10).

Busquei aqui propor um comentário sobre a face deste livro que é uma dissertação de mestrado em antropologia. A face que deixei oculta — e que indica alguma coisa sobre o compromisso de Francisco Luiz Fontes Baniwa e outros sábios do Alto Rio Negro, com a elaboração de seus livros sobre as tradições sagradas de seus clãs — acha-se voltada para um público indígena e para o enfrentamento da devastação do padrão de organização social em malocas e das práticas cerimoniais e de conhecimento implementadas pela atividade da missão salesiana e das igrejas evangélicas. Trata-se agora de repovoar “o mundo entre mundos”, repovoá-lo com as histórias dos “outros mundos” que coexistem neste mundo.

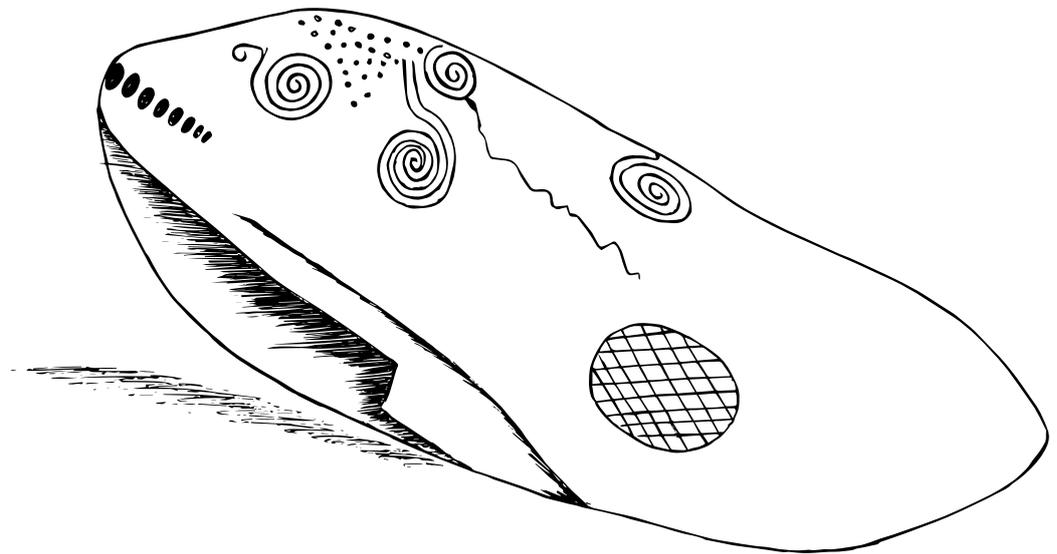
É tão delicioso e contagiante o prazer que Francy transmite ao empregar os termos “sentido” e “mistério”, o apelo dos mitos ao qual ela se curva e que ela propaga com seu uso francamente positivo do termo mistério, tão flagrantemente divergente do uso afirmado pela dupla detetive-juiz que tantas vezes vemos atuar nas análises antropológicas, que sou levada a imaginar o sentido desses sentidos que ela persegue. Serão os sentidos que ela capta e exprime o próprio mistério? Mistério como pura positividade? Em todo caso, a lição mais preciosa que quero guardar desse livro é que os mitos, enquanto essas falas ancestrais e vivas, e presentes, e comunicantes — é esta a abordagem nele proposta —, são tecnologias que ativam, atualizam e situam: uma terra, um clã, uma família, uma roça, um corpo.

Estaria aí a chave do amor e alegria e luta que impregnam o livro e que nos contagiam?

É uma dádiva imensa este primeiro livro de antropologia de uma mulher indígena do clã Baniwa que carrega o nome das Plêiades. Esse

livro talvez tenha como um de seus umbigos um sonho que trago aqui com o consentimento da autora. Em seu primeiro ano de pós-graduação no Museu Nacional, Francy dormia em sua casa no Rio de Janeiro quando se viu em sua comunidade no rio Içana, na casa que era a dos seus finados avós maternos. Ali encontrou deitados na rede dois homens conversando. Seu coração disparou, nenhum visitante lhe parecia tão inesperado. Era Claude Lévi-Strauss que estava deitado conversando sobre mitos com o irmão de sua mãe. Lévi-Strauss viu que Francy tinha nas mãos um livro de Darcy Ribeiro e disse a ela: *Eu sabia que você, ao se tornar quem é hoje, sairia em busca desses conhecimentos, eles serão importantes para as próximas gerações.* “Eu vi Claude Lévi-Strauss! Meu sorriso foi de orelha a orelha. Um encontro muito lindo e inesquecível.”

Que seja linda e inesquecível pra vocês também a leitura dessas preciosas narrativas do Mundo Pequeno, da Gente-Universo, da Origem da humanidade atual, e de tantos outros aspectos da vida, feitas pelo sábio Francisco Luiz Fontes Baniwa, transpostas com tanta arte na iconografia de seu filho Frank Fontes Baniwa.



**TÂNIA STOLZE LIMA**

Antropóloga e autora de *Um peixe olhou pra mim: o povo Yudjá e a perspectiva*.

**FRANCY BANIWA**

Francineia Bitencourt Fontes (Francy Baniwa) é mulher indígena, antropóloga, fotógrafa e pesquisadora do povo Baniwa, clã *Waliperedakeenai*, nascida na comunidade de Assunção, no Baixo Rio Içana, na Terra Indígena Alto Rio Negro, município de São Gabriel da Cachoeira/AM. Engajada nas organizações e no movimento indígena do Rio Negro há uma década, atua, trabalha e pesquisa nas áreas de etnologia indígena, gênero, organizações indígenas, conhecimento tradicional, memória, narrativa, fotografia e audiovisual.

É graduada em Licenciatura em Sociologia (2016) pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). É mestra (2019) e doutoranda em Antropologia Social pelo Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGAS-MN/UFRJ). É pesquisadora do Laboratório de Antropologia da Arte, Ritual e Memória (LARMe) e do Núcleo de Antropologia Simétrica (NAnSi) da UFRJ, e do Núcleo de Estudos da Amazônia Indígena (NEAI) da UFAM.

Atualmente coordena o projeto ecológico pioneiro de produção de absorventes de pano *Amaronai Itá – Kunhaitá Kitiwara*, financiado pelo Fundo Indígena do Rio Negro (FIRN/FOIRN), pelo empoderamento e dignidade menstrual das mulheres do território indígena alto-rio-negrino.

---

O desenho da página seis, reproduzido também na capa, é de Frank Baniwa, que realizou mais de 70 pinturas para o livro *Umbigo do Mundo*. Representa a pedra sagrada localizada em Hiipana, Uapuí Cachoeira, no rio Ayari, que emergiu quando o Umbigo do Mundo alcançou o céu, onde se encontram petroglifos que representam, por um lado, a dor e o infortúnio, e, por outro, a beleza e o crescimento.

Este caderno conta, ainda, com a colaboração de Idjahure Kadiwel, pesquisador, escritor, antropólogo, especial parceiro do Selvagem e responsável pela preparação de texto do livro de Francy Baniwa.

O trabalho de produção editorial dos Cadernos Selvagem é realizado coletivamente com a comunidade Selvagem.

Mais informações em [selvagemciclo.com.br](http://selvagemciclo.com.br)